

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CAMPUS FREDERICO WESTPHALEN  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO  
RELAÇÕES PÚBLICAS: BACHARELADO

CAROLINA SÔNEGO DA SILVA

**FILME DOCUMENTÁRIO**  
**“LUTE COMO UMA FUNKEIRA: UMA**  
**REVOLUÇÃO FEMINISTA SE FAZ COM O FUNK”**

Frederico Westphalen, RS  
2022

**CAROLINA SÔNEGO DA SILVA**

**FILME DOCUMENTÁRIO  
“LUTE COMO UMA FUNKEIRA: UMA  
REVOLUÇÃO FEMINISTA SE FAZ COM O FUNK”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Públicas: Bacharelado, do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, Campus Frederico Westphalen.

Orientador: Prof. Dr. Joel Felipe Guindani

Frederico Westphalen, RS  
2022

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha avó carioca Marli da Silva, conhecida como Nani, que mesmo sem entender o que eu aprendo no curso Relações Públicas, sempre me apoiou mesmo estando há 959 quilômetros de distância. Obrigada por me apresentar ao *funk*.

Agradeço à minha mãe, Adriana Sônego, a mulher mais guerreira que eu já conheci. Graças a ela, e seus três empregos simultâneos, eu estou aqui hoje finalizando uma Universidade Federal, o seu grande sonho. Durante toda sua vida dedicou-se à educação pública e a mudar vidas de milhares de jovens periféricos, ensinando que nunca podemos parar de sonhar. Sei que foi difícil ter uma filha feminista, tatuada e com um temperamento diferente. Muito obrigada por não desistir de mim. Além dela, agradeço ao meu irmão Airton Sônego da Silva, o médico mais dedicado e atencioso que o mundo verá. Dedico este trabalho também ao meu pai Marco Aurélio Alves da Silva, minha avó materna Neiva Maria Sônego e ao meu tio Luciano Sônego, por todo o apoio durante minha trajetória.

Foi em Frederico Westphalen que aprendi sobre resiliência, empatia e a força de ser uma mulher empoderada, aqui vivi os melhores e piores dias da minha vida. Agradeço aos meus grandes amigos e colegas de profissão Raquel Ronsoni, Eduarda Santaiana e Guilherme Abiko, sem vocês minha caminhada não teria sido a mesma. Principalmente, agradeço minha amiga Giulia. Ao meu melhor amigo, Giovani Machado Meireles, agradeço por estar do meu lado durante todos esses anos e me apresentar o amor, companheirismo e principalmente, o audiovisual.

Não posso deixar de deixar minha eterna gratidão a família que o ano de 2022 me deu. Aos meus colegas de apartamento, que diariamente dividem a vida comigo: Jiovani, Jordana e Luiza. Obrigada por todo o apoio, principalmente emocional, durante esses meses. Ainda, gostaria de agradecer a minhas amigas e também colegas de profissão Millena, Júlia, Larissa, que me ajudaram a tornar esse trabalho realidade, com vocês os meus dias foram leves e divertidos. Agradeço a minha amiga Luma Roani por todos os ensinamentos e por me inspirar todos os dias.

A todas minhas amigas de Joinville/SC, que mesmo de longe nunca deixaram de me apoiar. Obrigada Carolina, Larissa Stang, Júlia Vilani e Ana por me ensinarem sobre amizade verdadeira e duradoura, além da força que mulheres podem ter quando se juntam.

Agradeço também às minhas entrevistadas e amigas que embarcaram comigo nessa jornada, por confiar no meu trabalho, que mesmo sendo inexperiente, busquei marcá-las para sempre nesse projeto. Posso afirmar que cresci muito realizando esse documentário,

escutando e registrando todas as histórias incríveis de como o *funk* mudou e ainda muda a vida de todas essas pessoas. Obrigada por me ajudarem a mostrar que o *funk* também é empoderador.

A todos os professores e professoras do Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM/FW que me deram quatro anos de ensino público, gratuito e de qualidade. Principalmente ao meu orientador Joel Felipe Guindani, que durante todos esses anos de graduação me inspirou e esteve ao meu lado. Eu cheguei aqui graças ao SISU, um programa que oportuniza a milhões de brasileiros realizarem seus sonhos. A educação muda pessoas que vão aprender a transformar o mundo. Obrigada a todas as mulheres que lutaram para que hoje eu esteja aqui escolhendo estudar.

Ainda, por mais difícil que seja falar sobre isso, quero agradecer a minha mãe, Adriana, minha psicóloga Débora, e minha psiquiatra Silvia. Em 2022 descobri a depressão, e com ela vieram muitos desafios, medos e estigmas. A nossa saúde mental é uma coisa séria, e não merece ser deixada de lado. Se você não está bem, peça ajuda. Ninguém merece passar por isso sozinho.

Por fim, gostaria de agradecer à minha madrinha, segunda mãe e jornalista, Ângela Felippi, foi ela que me apresentou à Comunicação, a luta política e a possibilidade de mudar o mundo. Durante toda minha graduação seu apoio foi fundamental, e estou ansiosa para um dia trabalhar ao seu lado.

A todas as mulheres da minha vida, obrigada!

*“Eu tinha uns cinco anos, mas já entendia  
Que mulher apanha se não fizer comida  
Mulher oprimida, sem voz, obediente  
Quando eu crescer, eu vou ser diferente  
Eu cresci  
Prazer, Carol bandida  
Represento as mulheres, 100% feminista”  
(MC Carol)*

## RESUMO

Esse projeto experimental tem como objetivo geral discutir e problematizar questões de empoderamento, representatividade e machismo no ritmo musical *funk*, a partir de relatos de mulheres. Nesse contexto, os objetivos específicos é produzir um filme documentário considerando as suas etapas: pré-produção, produção e pós produção, entrevistar mulheres relacionadas diretamente ao funk, que representam toda a região Sul do Brasil, para a produção do filme a partir de perguntas construídas a partir de aportes teóricos, e por fim, realizar a revisão bibliográfica, bem como a reflexão e a descrição de aportes teóricos sobre a identificação de mulheres no movimento do funk. Propõe-se com esse documentário, por meio de entrevistas com oito mulheres, dentre elas dançarinas, DJ 's, pesquisadoras feministas e ouvintes comuns, evidenciar que o *funk* pode ser empoderador e libertador quando se diz respeito ao corpo e sexualidade da mulher. Para fundamentar teoricamente este trabalho, foram tratados conceitos de cultura da imagem, representatividade social, cinema documentário e feminismo. Como resultado, obteve-se um curta-metragem de 13 minutos , tendo como principais protagonistas a dançarina Larissa Martiniano, a psicóloga Mariana Datria, a pesquisadora Andreza Cerqueira, a DJ Lirous K'yo, as estudantes de Engenharia Ambiental Larissa Flores e Camila de Carli, a produtora de eventos, Lailah Falcão, e por fim, a designer Iana Rocha. Com o término das filmagens, foi possível identificar que o recorte de raça, gênero e classe social é inseparável das definições de “ser mulher”, dessa forma, cada mulher, seja ela cisgênero ou transgênero, possuem diferentes opiniões. Assim, a resposta coletiva é que o *funk* é machista, assim como todos os outros gêneros musicais, e apesar disso ele pode ser empoderador se for feito por uma mulher que trate de questões (positivas) de sexualidade e do corpo feminino. Por fim, nota-se a dificuldade de encontrar enunciadoras de *funk* presentes no sul do Brasil, sejam elas MC 's e DJ' s.

**Palavras-chave:** Mulher; Gênero; Documentário; Funk.

## ABSTRACT

This experimental project has as a general objective to discuss and problematize issues of empowerment, representation and machismo in the funk music rhythm, from the reports of women. In this context, the specific objectives are to produce a documentary film considering its stages: pre-production, production and post production, interview women directly related to funk, that represent the entire southern region of Brazil, for the production of the film from questions built from theoretical contributions, and finally, perform a literature review, as well as reflection and description of theoretical contributions on the identification of women in the funk movement. This documentary proposes, by means of interviews with eight women, among them dancers, DJs, feminist researchers and common listeners, to show that funk can be empowering and liberating when it comes to women's bodies and sexuality. To theoretically ground this work, concepts of image culture, social representation, documentary filmmaking, and feminism were treated. As a result, a 13-minute short film was made, having as main protagonists the dancer Larissa Martiniano, the psychologist Mariana Datria, the researcher Andreza Cerqueira, the DJ Lirous K'yo, the Environmental Engineering students Larissa Flores and Camila de Carli, the event producer Lailah Falcão, and, finally, the designer Iana Rocha. With the end of the filming, it was possible to identify that the cut-off of race, gender, and social class are inseparable from the definitions of "being a woman"; in this way, each woman, be she cisgender or transgender, has different opinions. Thus, the collective response is that funk is sexist, just like all other musical genres, and despite this it can be empowering if it is made by a woman who addresses (positive) issues of sexuality and the female body. Finally, we note the difficulty of finding female funk enunciators present in South Region of Brazil, be they MC's and DJ's.

**Keywords:** Women; Gender; Documentary; Funk.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1-</b> Larissa Martiniano.....	15
<b>Figura 2-</b> Mariana Datria.....	66
<b>Figura 3-</b> Lirous K'yo.....	52
<b>Figura 4-</b> Andreza Cerqueira.....	22
<b>Figura 5-</b> Larissa Flores e Camila de Carli.....	52
<b>Figura 6-</b> Lailah Falcão e Iana Rocha.....	55



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 SOCIEDADE E CULTURA DA IMAGEM.....</b>	<b>12</b>
<b>3 CINEMA ARTE E REPRESENTAÇÃO SOCIAL.....</b>	<b>14</b>
<b>4 CINEMA DOCUMENTÁRIO.....</b>	<b>16</b>
<b>5 LINGUAGEM AUDIOVISUAL.....</b>	<b>18</b>
<b>6 MULHER, FEMINISMO E O SUJEITO <i>FUNK</i>.....</b>	<b>20</b>
<b>6.2 Imagens de controle.....</b>	<b>21</b>
<b>7 REFLEXÕES METODOLÓGICAS: AS PERSONAGENS DESSE FILME.....</b>	<b>23</b>
<b>8 PERCURSO DA PRODUÇÃO DO FILME .....</b>	<b>29</b>
<b>8.1 Pré-produção.....</b>	<b>29</b>
<b>8.2 Produção.....</b>	<b>30</b>
<b>8.3 Pós-produção.....</b>	<b>31</b>
<b>9 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>32</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>34</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>36</b>

# 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso se caracteriza em um projeto experimental, de produção cinematográfica, do gênero documentário. Para isso, situada em um contexto contemporâneo de produção de imagens e construção de identidades, pretende compreender o funk, um gênero musical recentemente reconhecido como cultura<sup>1</sup>.

Ao analisar o estado da arte observou-se muitos estudos sobre *funk* e história, cultura periférica e análise das letras, entretanto, muito pouco sobre questões de gênero, representação, e ascensão de mulheres nesse mercado musical. Em relação a escolha de projeto experimental, essa busca é ainda menor quando procura-se por entrevistas com mulheres no *funk*, sejam elas cantoras, produtoras, empresárias e DJ 's.

A pergunta que norteia a pesquisa é: Como a representatividade das mulheres e empoderamento é construído no *funk*? Com isso, o objetivo geral é discutir, por meio de um documentário com entrevistas de cantoras, produtoras e entre outras, a representatividade da mulher no *funk*.

Sendo assim, os objetivos específicos são:

1. Produzir um filme documentário considerando as suas etapas: pré-produção, produção e pós produção
2. Entrevistar 3 mulheres relacionadas diretamente ao *funk*, que representam toda a região Sul do Brasil, para a produção do filme a partir de perguntas construídas a partir de aportes teóricos
3. Realizar a revisão bibliográfica, bem como a reflexão e a descrição de aportes teóricos sobre a identificação de mulheres no movimento do *funk*

A justificativa para a realização dessa pesquisa parte do gosto pessoal pelo gênero musical e identificação com a cultura, e pela indagação pessoal ao observar a falta de audiovisuais com mulheres como protagonistas no meio do *funk*. Justifica-se, também, o interesse pelo projeto experimental em formato de filme documentário, onde, a partir do percurso de minha formação, tornei-me bolsista do Projeto de Extensão Vídeo Entre-Linhas, projeto este que me possibilitou adentrar neste universo da cultura e do audiovisual. Com isso, adquiri certa facilidade para trabalhar com câmeras profissionais, equipamentos de som e edição pós-gravações. Aprendi o audiovisual como uma possibilidade de democratizar e tornar acessível para todos e todas que possuem interesse na sétima arte, mais especificamente

---

<sup>1</sup> Por meio da Lei do estado do Rio de Janeiro número 5.543 do ano de 2009

no gênero documentário e o conhecimento sobre a cultura do *funk*. Com isso, diferentemente da produção de uma monografia extensa e com palavras elaboradas, um audiovisual pode atingir o maior número de pessoas possível.

Do contexto enquanto mulher, esse trabalho evidencia aspectos da representação positiva que o gênero *funk* possui para cantoras e produtores, quando fala sobre liberdade, empoderamento e quebra de barreiras em um movimento considerado machista pela sociedade.

Para a área de Comunicação, esse trabalho é importante para contribuir com os estudos sobre audiovisual, representatividade, diversidade, identidade, e principalmente movimentos culturais. Um tema pouco estudado nas Relações Públicas, principalmente se este e for o *funk*, tema pouco estudado devido ao processo de tentativa de apagamento histórico e criminalização do ritmo.

Alguns estudos comunicacionais geralmente partem da ótica de aspectos históricos, apropriação, criminalidade e letras das músicas, o que por vezes não aborda, sobre a força da representatividade que o gênero musical representa para mulheres dentro desse universo. Do mesmo modo, é perceptível quando buscamos filmes, documentários e audiovisuais em geral, a falta de representação feminina nas entrevistas, nas histórias e nas músicas mais escutadas pelos fãs.

Essas percepções e questões sobre como o movimento do *funk* pode (ou não) ser um papel fundamental no processo de empoderamento da mulher. Para melhor refletir sobre esta questão, observa-se os depoimentos das entrevistadas desse documentário. Aqui, percebi a importância de cada estado (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) ser representado por pelo menos uma protagonista.

De modo geral, esse trabalho não busca responder se o *funk* é ou não machista e/ou empoderador, mas sim gerar reflexões a partir dos relatos de personagens que tem em seu dia a dia esse ritmo presente. Assim, esse texto serviu de base para a produção audiovisual, além de apresentar um instrumento de relatar o processo de produção a partir da seguinte estrutura: A primeira parte é a apresentação dos conceitos e a discussão teórica; na sequência, apresenta-se a metodologia de produção e por fim a descrição dos processos de produção, bem como as considerações finais.

## 2 SOCIEDADE E CULTURA DA IMAGEM

A partir do nascimento da Fotografia no ano de 1839, começou-se uma relação entre o ser humano e a imagem técnica. Assim, observamos como a cultura da imagem modificou a maneira que a sociedade vê o mundo devido às constantes evoluções da imaginação e das formas de contar ou narrar histórias. Para Miranda (2007, p.26) “as imagens sempre funcionaram como mediação da relação do homem com o mundo”. Vivemos em um século no qual praticamente tudo que pensamos pode ser concretizado, principalmente quando observamos as tecnologias que avançam constantemente. Com isso, partimos do entendimento de que as imagens são “arquivos históricos e reflexões daquilo que almejamos para nós e para a sociedade, nossas percepções de vida são derivadas de mensagens mentais” (BAITELLO JR., 2005, p.8).

Após a Revolução Industrial a sociedade se tornou de imagens ou a “sociedade imagética”, que de acordo com Walter Benjamin, também é aquilo que compõe a nossa imaginação. Assim, essas imagens podem ser consideradas coletivas e não apenas individuais. Esta sociedade imagética está se tornando ágil no ato de produzir e consumir imagens. A noção de Iconofagia, trazida por Baitello (2005), é a sociedade vivendo pelas imagens por meio de suas reproduções constantes e repetidas.

Nesse sentido, a palavra "cultura" significa habitar e adorar. No sentido religioso, advém do latim “colere”. Por isso, a noção de cultura é estudada nos campos da comunicação, antropologia, filosofia e psicologia por várias formas e abordagens. Para Williams (1969) a cultura tem função social, é de todos (e todas) e não é homogênea. No mesmo contexto da Revolução Industrial a cultura também teve modificações, sendo entendida como algo relacionado exclusivamente às artes. Sabemos que as artes ocorrem no contexto da resistência (CARVALHO, 2020, p.8), e dessa forma são capazes de questionar as relações entre a verdade e a imagem.

A partir do início dos Estudos Culturais, uma rede de estudos e pesquisadores que geram influências sobre as disciplinas acadêmicas (TAVARES, 2008), observa-se as diferentes culturas produzidas pela sociedade, e dessa forma objetiva-se valorizar aspectos de qualidade e de formas de consumo da cultura produzida, seja ela na televisão, rádio, jornais e outros meios de comunicação. Nesse sentido, Williams (1969) ressalta que os meios não contemplam somente a transmissão, mas inclusive a recepção e resposta desses processos culturais.

Assim, a sociedade está diretamente relacionada com a cultura que nela se produz. Assim, também se denomina a “cultura comum” ou cultura de todos, contrariando o modelo

capitalista de produção que fortalece o individualismo no processo de consumo cultural. Nesse contexto, encontramos a cultura como representatividade também daquilo que vivemos e produzimos, e as gerações expressam e refletem as culturas do seu tempo, pois de acordo com a autora Ziviani (2017, p.14):

Cultura está relacionada com as artes e a produção espiritual, no âmbito do simbólico e das representações. A cultura é um tipo de vivência que provê de sentido o modo como a sociedade organiza a sua vida e faz dela um todo coerente e inteligível.

Neste contexto do ano de 2022, a sociedade é mais do que nunca atravessada pelos dispositivos de criação de imagem, ressaltando as singularidades de cada dispositivo nesse universo de bens e de consumo cultural. Para Carvalho (2020, p.12)“A imagem na era digital nos obriga não apenas a interrogar o que ela produz, mas, (...), valorizar o que a arte constrói”.

Portanto, esta relação cultura e produção de imagens é uma temática central do desenvolvimento social contemporâneo. Por esse caminho, os produtos culturais, como o funk, relacionam-se a outras temáticas de gênero, pois não se trata apenas de um formato musical à venda ou para o consumo simples. Ao contrário disso, é uma prática cultural complexa e rica de sentidos cada vez mais ampliados por meio de imagens audiovisuais.

### 3 CINEMA: ARTE E REPRESENTAÇÃO SOCIAL

Desta discussão mais ampla sobre Cultura e sociedade da imagem, torna-se importante observar desde a perspectiva do Cinema, considerada a sétima Arte moderna pelo crítico de cinema Ricciotto Canudo, no “Manifesto das sete artes” publicado no ano de 1914. Todas as artes, incluindo o cinema, são representações sociais e um modo de expressão individual, o pensar para si, e também um modo de representação coletiva. As representações sociais são trocas entre o indivíduo e a sociedade (JÚNIOR, 2015, p. 2). Desse modo, a sétima arte como representação social mais complexa, contrapõe-se o cinema comercial estadunidense, e se apresenta na perspectiva de um cinema social e potencializador de subjetividades, absorvendo e refletindo por meio da imagem e som também as angústias, vivências e opiniões de uma comunidade. Com isso, a representação e suas práticas são os modos de fazer e ver:

O cinema foi estudado como um aparato de representação, uma máquina de imagem desenvolvida para construir imagens ou visões da realidade social e o lugar do espectador nele. Mas, [...] como o cinema está diretamente implicado à produção e reprodução de significados, de valores e ideologia, tanto na sociabilidade quanto na subjetividade, é melhor entendê-lo como uma prática significativa, um trabalho de simbiose: um trabalho que produz efeitos de significação e de percepção, auto-imagem e posições subjetivas, para todos aqueles envolvidos, realizadores e espectadores; é, portanto, um processo semiótico no qual o sujeito é continuamente engajado, representado e inscrito na ideologia. LAURENTIS (1978, p. 37, apud GUBERNIKOFF, 2009, p.69).

Para Gubernikoff, o cinema é “a iluminação, a composição de imagens, o enquadramento fotográfico, o movimento da câmera” ou seja, aquilo que tem finalidade de transmitir pelas telas diferentes significados. Em relação a decupagem (divisão de cenas) a autora afirma que isso conduz a narrativa do audiovisual e tudo que ele quer representar.

Especificamente o cinema documentário, é um dispositivo de representação social, pois permite a representação social de manifestações e indagações políticas e culturais por meio da voz de atores reais. Para Nichols (2005, p.27, apud BASTOS, 2019, p.39) “os documentários de representação social proporcionam novas visões de um mundo comum, para que as exploremos e compreendamos” e com isso explora a ideia que o cinema é apto a mostrar por diferentes óticas não somente de grandes cineastas e indústrias do meio, mas também e principalmente de parcelas da população que até o momento não se sente representada pelo o que vê nas televisões, no cinema e na internet comercial.

É nesta perspectiva que este projeto também objetiva produzir um audiovisual - filme documentário - que foque na representação de identidades que compõem uma cultura

marginalizada, negada e negligenciada pelos meios de comunicação tradicionais. Este formato de filme documentário com a função de representação social também potencializa a visibilidade de agentes sociais dessa comunidade e de suas pautas na maioria das vezes invisibilizadas.

#### 4 CINEMA DOCUMENTÁRIO

Nesta perspectiva de filme como representação social, especificamente o filme documentário, destaca-se o Cinema Novo brasileiro (1960), um movimento de cineastas brasileiros que se preocuparam em distanciar a ideia de cinema comercial, fixado no mundo, principalmente pelas produções estadunidenses. Com isso, o movimento Cinema Novo teve como proposta criar uma arte voltada para a crítica social (JÚNIOR, 2015, p.111) e de forma que propusesse mais criticidades aos produtores/produções audiovisuais; para que se torna-se mais autênticos e próximos da realidade social e política nacional. Para isso, propuseram uma estética de baixo custo e independente, com críticas políticas e de rupturas aos padrões clássicos do cinema comercial.

Observou-se, assim, um documentário é considerado um gênero de filme mais propositivo, assim como comédia e terror, não contrário a ficção, problematizando aqueles documentários que se dividem entre o real e ficcional, também chamados de ficção documentada ou semi-documentários. Esta perspectiva do Cinema Novo também se assemelha ao documentário que transmite uma realidade de maneira autêntica, compondo assim, o que pode ser representado no mundo de forma mais direta (NICHOLS, 2005, p.20).

A partir de então, a produção de um audiovisual do gênero documentário passou a ser considerada livre e sem grandes interferências ou obrigações de uma estética comercial ou mesmo elitista. O documentarista pode escolher construir um filme com os cenários, figurinos, maquiagens (ou não) para compor uma ideia e assim passar o que o documentário representará, ou definir conceitos originais e individuais no qual muitas vezes o espectador não sabe o resultado antes de assistir. Por exemplo, ao assistir semi-documentários gravados atualmente que trazem uma história dos anos 1950, mas que vestem alguns personagens com roupas típicas daquele momento histórico, sabemos o ano que se passa somente pelas vestimentas, que foram introduzidas pelo documentarista.

Assim, realizar um documentário é entender que toda a produção e os processos farão parte de todo o resultado final e sempre em construção. Para Ruaro (2007, p.8) “é a liberdade de linguagens, estilos e formas que tornam o documentário um resultado único dentro do cinema”. Com isso, o produtor do documentário tem como objetivo argumentar por meio dos elementos do audiovisual e um discurso que compõe uma ideia, opinião, exposição, posição sobre algo ou alguém.

Dessa forma, pensar o que pode ser passado para mudar a vida do receptor ou que tenha algum aprendizado sobre a realidade é primordial. Vale destacar, que em relação ao



entrevistado, ele não pode ser considerado um agente que interpreta o que o autor deseja, pois isso perde a liberdade do que deve ser verdade.

Atualmente o crescimento do mercado audiovisual de gênero documentário se dá pelos catálogos de canais de assinatura paga e *streaming* na internet e por isso também adquirem formas de vídeo sob demanda. Nestes espaços de produção e de distribuição, há uma divisão exclusiva para documentários de todos os gêneros. Considerado os melhores documentários<sup>2</sup> da plataforma Netflix, “The Act of Killing” e “Dilema das redes”, outros documentários falam sobre música, crimes, vida de cantores e atores, teorias da conspiração, etc.

Ao final deste capítulo, reforço algumas reflexões sobre o filme documentário como espaço de criatividade para além do consumo ofertado pela indústria cultural, como acima referido. Importante observar que o filme documentário é uma arte complexa e que, para Nichols (2005), também podem ser observados como obras de satisfação de desejo (ficção) e de representação social. Neste último, o autor expõe seis categorias de documentários de representação social: performático, expositivo, poético, observativo, participativo e reflexivo. Para esse projeto escolhi realizar um audiovisual documentário do subgênero expositivo, original da escola britânica, que enfatiza fatos e argumentos para aquilo que o filme está narrando, uma pesquisa que narra todos os lados da história. Dessa forma, o documentarista usa a distância, neutralidade, e onisciência. No entanto, inspirada na perspectiva do Cinema Novo, foi possível também operar certas transgressões, quando me coloco em voz narrativa no decorrer do filme produzido.

Também observa-se o modelo chamado documentário entrevista, que se popularizou em 1970. Esse formato é a base de produção documental para o consumo das massas por meio dos canais de televisão abertos e educativos. A entrevista constitui um documentário que explora o potencial do sujeito entrevistado e se relaciona com a ideia de se construir com base nas opiniões dos participantes do documentário (entrevistados).

Com isso, o conceito de documentário expositivo e entrevista populariza os argumentos do vídeo, apesar das ideias, composição e montagem final serem deveres do documentarista, muitas vezes o documentário se conduz de acordo com os entrevistados e participantes. Durante o filme esse estilo de documentário procura trazer emoções e reflexões, além de contar uma história por meio de entrevistas com personagens reais.

---

<sup>2</sup> A lista dos “10 melhores documentários da Netflix” publicado em setembro de 2020, disponível em: <https://canaltech.com.br/cinema/os-5-melhores-documentarios-disponiveis-na-netflix-133023/>. Acesso em jan.2022

## 5 LINGUAGEM AUDIOVISUAL

Como forma de melhor continuar o entendimento do filme documentário - e também como forma de embasar a produção do filme - a linguagem audiovisual é um lugar importante de estudo e de reflexão. Inicialmente chamada como linguagem cinematográfica, fazendo referência ao cinema e teatro, a linguagem audiovisual é a composição das linguagens verbal, sonora e visual. Para uma sociedade do século XXI conhecida como imagética, a televisão, internet e aplicativos de vídeo, como Youtube, TikTok, entre outros, invadem os espaços pessoais por meio dessa linguagem.

Assim, o audiovisual é uma construção e criação do espírito humano partindo da cultura comum ou individual, e do compartilhamento de imagens feitas com som, texto, efeitos e outros recursos. Até chegar aos recursos audiovisuais, foi a fotografia a maneira de tornar um momento real apreendido em forma de imagem. Foi por meio disso que a linguagem audiovisual criou a impressão da realidade com possíveis ilusões e formas de manipulação.

Para Coutinho (2013, p. 44) “Os audiovisuais, filmes de todos os gêneros e inúmeros programas de televisão, existem porque somos uma espécie de animais que necessitam de histórias”, formando narrativas que integram as linguagens verbais, sonoras e visuais.

Desse modo, a linguagem do cinema se diferenciava das demais linguagens, como a do teatro e da fotografia, uma vez que era possível dar enfoque a diversas partes das imagens. Esse aspecto particular do cinema, juntamente com a ordenação dessas imagens, tornou, assim, um produto exclusivamente feito pelo cinema, com técnicas inovadoras e características próprias. (MADIO, T. SILVA, L., 2016, p.978)

A complexidade da linguagem audiovisual e incluindo o cinema, inclui entender que o áudio e os efeitos sonoros são importantes da mesma maneira que as imagens. Com isso, o som junto com a imagem assume um lugar central nesta responsabilidade de construir a mensagem ao espectador e proporcionar experiências além do olhar.

A cineasta francesa, Alice Guy Blache, foi a primeira a produzir um filme narrativo e fez os primeiros filmes com especial atenção às sonoridades. Devido a falta de tecnologia e de estudos mais avançados sobre a linguagem audiovisual, o início do cinema não avançavam para além das imagens e, segundo Madio e Silva, “por esse motivo, os primeiros filmes sonoros só vão acontecer depois da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), como uma espécie de ‘relançamento do cinema’.”

No decorrer da história do cinema, ocorre a produção de literatura especializada, sobretudo por meio de escolas de cinema conduzidas por cineastas/pesquisadores. É neste momento que na história se tem mais produção de conhecimento sobre os elementos da linguagem audiovisual como: enquadramento, tomada, corte, cena, composição, planos e movimentos da câmera.

Com isso, a linguagem audiovisual contempla a representação da arte e conseqüentemente da cultura por meio de recursos diversos. Mostrar histórias, objetos, pessoas, animais, a natureza, sonhos e outros diversos aspectos do cotidiano compreendem a sensação de realidade nas telas por meio de planos, ângulos, tomadas, dentre outros recursos . O limite das produções audiovisuais são de certa forma inexistentes, pois dizem respeito aos potenciais da imaginação dos cineastas e que combinam com as constantes evoluções técnicas, concretizando as narrativas e explorando por diferentes ângulos as formas de representação dos nossos fenômenos culturais.

## 6 MULHER, FEMINISMO E SUJEITO *FUNK*

Buscando analisar as representações de mulheres no contexto da cena do *funk*, é considerado primordial discutir a perspectiva do gênero dentro desse contexto musical, social e enquanto estilo de vida. A posição da mulher e feminilidade foi e é construída pela sociedade que aclama os homens e entende que mulheres “ocupam o lugar do pecado, da castração, da sexualidade desenfreada e que deve ser submetida a castidade” (KEHL, 2008, p. 24). As identidades variáveis e móveis estão relacionadas com as vivências dos indivíduos e suas representações sociais, assim, os espaços ocupados por homens e mulheres na sociedade eram totalmente distintos.

A partir do século XX a sociedade ocidental integrou a mulher (branca) como indivíduo e cidadã, podendo parcialmente participar de decisões políticas, criando e inserindo estereótipos patriarcais. Com isso, ressalta-se que identidade feminina e identidade masculina são representações que incluem símbolos e significados não igualitários devido ao olhar que mulheres são inferiores. Entretanto, não queremos aqui generalizar, pelo contrário, é necessário entender que mulheres são indivíduos passíveis de mudanças, percepções, histórias de vida, personalidades e sentimentos distintos e únicos.

Sendo gênero algo construído pela sociedade e pela cultura e não biológico e funções do corpo, “O conceito de gênero possibilitou mostrar que ser homem ou ser mulher está relacionado a uma aprendizagem a respeito de posições atribuídas a cada um de acordo com o que é aceito em seu grupo social.” (MACHADO, 2015, p.38).

Para Giselle Gubernikoff, essa integração criou uma forma e obrigação perceptível (ou não) de como mulheres precisam se comportar:

O que se discute é o fato de a mulher contemporânea buscar se enquadrar em uma imagem projetada de mulher que, na verdade, é aquela que eles gostariam que ela fosse, a partir de representações femininas cunhadas pelos meios de comunicação e, principalmente, pelo cinema. (GUBERNIKOFF, 2009, p. 67)

Para a sociedade brasileira, se enquadrar nesses padrões é possibilitar acessos a ambientes e decisões que foram marginalizados às mulheres. A imagem projetada que a autora se refere vai ao encontro com os conceitos de Kehl sobre o lugar que essas mulheres ocupam e são vistas como imorais e impossibilitadas de ter conhecimento e se tornarem libertas.

Assim, o movimento histórico, cultural e musical do *funk* que nasceu nas favelas cariocas, teve uma ascensão de mulheres pela primeira vez por volta de 1996, na Cidade de

Deus<sup>3</sup> durante um baile *funk*. Nesse momento muitos grupos, as chamadas *Girls Band*, banda de garotas do *funk*, começaram a se popularizar entre os bailes e até mesmo chegando ao centro carioca como o Bonde das Tchutchucas e Gaiola das Popozudas.

As mulheres representam no *funk* a liberdade de escolha, o reconhecimento do gênero atrelando as feminilidades à liberdade e a exaltação da sexualidade e satisfação feminina. Para isso, o gênero envolve a performance corporal por meio de danças e estilo próprio derivado das periferias.

Como exemplo, o uso de brincos de argolas grandes, tranças coloridas no cabelo, alongamento de unhas, shorts jeans curto e rasgado e entre outras tendências que derivam das favelas e transpassam para todo o Brasil principalmente por meio dos audiovisuais em formato de clipes de música, disponíveis nas plataformas livres e vinculados em canais da televisão, e também pelas redes sociais das mulheres envolvidas na cultura e conceito *funk*.

Com isso, o feminismo interseccional busca construir uma sociedade que considera todo e qualquer marco social relacionado à raça, gênero e classe. Considerar interseccional um movimento social e político, como é o feminismo, é na prática tornar mulheres não brancas e pobres protagonistas e pertencentes a todos os espaços.

### 6.1 Imagens de controle

Para Collins (2009, p.40), os estereótipos são resultados da imagem de controle para ditar como mulheres negras devem se portar na sociedade, elas reafirmam as opressões contra gênero, raça ou classe sobre essas mulheres. Assim, um dos terríveis resultados das imagens de controle foi transformar diversos preconceitos e estereótipos contra mulheres negras como algo normal e natural. Estabelecendo, desta forma, padrões de beleza criados pela cultura eurocêntrica e racista.

Nos Estados Unidos, como aponta Collins, a mulher negra é estereotipada como *mamy*, matriarca, prostituta, e representação de assistência. Já no Brasil, Lélia Gonzalez coloca as imagens de controle com mulheres negras brasileiras como a mulata, mãe preta e empregada doméstica. Vale ressaltar que essas características refletem em todos os grupos sociais considerados de minoria, porém são mais danosos às mulheres negras. As funkeiras, como MC Carol, Tati Quebra Barraco e MC Valesca Popozuda, fazem parte de um primeiro movimento que, como diz a jornalista Baah Nascimento<sup>4</sup>:

<sup>3</sup> Favela situada na Zona Oeste da cidade de Rio de Janeiro-RJ

<sup>4</sup> Disponível em

<https://medium.com/@baahnasci/cai-de-boca-funkeiras-empoderam-ao-cantar-sobre-o-sexo-oral-em-mulheres-cbae73535d1b>  
Acesso em jul. 2022

Cai de boca no meu bucetão. De cara, a frase pode assustar, mas o hit de MC Rebecca é, de longe, e talvez sem essa pretensão, um grito de empoderamento para muitas mulheres. Escrito por MC Ludmilla, o som chegou no momento em que o funk carioca voltava ao centro de tudo com o 150 BPM e marcou também o retorno de um movimento tímido, mas que vem ganhando força e atitude: o de mulheres cantando putaria.”

A partir disso, essas mulheres representaram a volta da música, que até então produzia sons misóginos e preconceituosos contra mulheres e minorias, criando um estilo de *funk* dedicado ao prazer feminino.

No *Spotify*, a música mais ouvida é “Bum Bum Tam Tam” do funkeiro MC Fioti. No Brasil, o ritmo musical cresceu 51% desde quando a plataforma chegou ao nosso país. Esse dado, que é observado desde 2014, foi divulgado pelo *Spotify* no ano de 2019, quando o movimento *funk* completou 30 anos desde sua criação.

Estas ponderações acerca da mulher, gênero e funk serão mais bem aprofundadas no decorrer dos próximos capítulos, onde se aprofunda o detalhamento da produção do filme, bem como as reflexões sobre o processo de produção a partir da experiência ou da vivência com as personagens mulheres entrevistadas.

## 7 REFLEXÕES METODOLÓGICAS: AS PERSONAGENS DESSE FILME

Este capítulo trata dos processos de produção do filme e tem por objetivo relatar alguns elementos também técnicos e que poderão servir de caminho para outras produções.

Para que a realização desse filme acontecesse, foram escolhidas personagens mulheres que possuíssem dentre suas diferenças e particularidades, uma única semelhança: que tivesse o *funk* como agente ativo em suas vidas. Nesse contexto, o recorte geográfico para essa escolha foi de suma importância, já que este documentário busca trazer as experiências de moradoras dos três estados brasileiros do sul do Brasil. Além disso, também foi priorizada a escolha de mulheres não brancas.

Para além das personagens protagonistas deste documentário, é necessário relatar que encontrei algumas dificuldades para realizar as entrevistas. No começo de tudo, meu plano era dar espaços a cantoras e dançarinas do *funk*.

Em relação a cantoras, o motivo principal era entender como é para uma agente ativa no ritmo, que escreve músicas, se há alguma tentativa (ou não) de uma desestimulação da reprodução do machismo no movimento. Já que nesse caso, uma enunciativa tem em suas mãos um poder muito maior do que uma simples ouvinte de criar letras e batidas que considerem o feminismo, respeitando todas as mulheres. Contatei dançarinas que estavam performando em shows de Curitiba, Paraná, e até cheguei a marcar entrevistas presenciais, mas infelizmente foram desmarcadas pelas mesmas.

Além disso, percebi a dificuldade que é encontrar mulheres nesse ramo, sejam elas DJs, MCs, dançarinas ou produtoras musicais. A busca foi realizada principalmente pela *internet*, mas também recorri a indicações com colegas e amigos por meio das minhas redes sociais. A expectativa nesse caso, era conseguir alguma indicação, e talvez quem sabe, tornar mais fácil realizar uma entrevista com as possíveis personagens desse filme documentário.

Após muitos e-mails e mensagens não respondidas, encontros desmarcados e até viajar até Florianópolis, Santa Catarina, somente para encontrar uma DJ e ela não aparecer em nosso encontro, consegui o contato de algumas mulheres que fazem parte enquanto protagonistas e coadjuvantes dessa narrativa.

As entrevistas foram gravadas nas cidades de Frederico Westphalen/RS, Florianópolis/SC e Joinville/SC, entre os meses de dezembro de 2021 a julho de 2022. Nesse contexto, é possível evidenciar que esse a pré-produção desse documentário não foi linear e muito menos de acordo com a programação estabelecida. O principal elemento para encontrar pessoas que queiram ser filmadas e entrevistadas foi principalmente o poder do diálogo. Para

ser mais exata, muitas vezes eu saía nas ruas e em festas somente com meu celular, em busca de mulheres que quisessem conversar sobre o tema *funk*.

Para cada personagem de “Lute como uma funkeira” foram escolhidas perguntas diferentes, pois cada contexto era diferente. Para cada conversa eu levei um caderno com as perguntas (Anexo A), mas ao decorrer da entrevista as perguntas variam, conforme a reação positiva ou negativa das personagens. Algumas entrevistas foram mais curtas, de cinco a dez minutos, assim, elas falaram sobre o sentimento ao escutar *funk* e se acreditam que o ritmo é machista. Outras, mais relacionadas com os objetivos desse projeto, foram em relação ao empoderamento, o papel da mulher na sociedade, e o que o ritmo representa para aquela pessoa.

Essa história se dispõe de muitas personagens, nos quais algumas entrevistas cedidas foram de longa duração, como as conversas com Larissa (dançarina), Lirous (DJ), Andreza (pesquisadora) e Mariana (psicóloga). Além disso, algumas mulheres aparecem rapidamente, e muitas delas eu encontrei nas ruas das cidades que eu passei e portanto não as conhecia. Sendo assim, o critério para colocar na lista de personagens deste documentário é a quantidade de vezes que elas estão inseridas nessa história, ou seja, a partir de duas vezes.



*Figura 1- Larissa Martiniano*  
*Fonte: da autora*

A primeira personagem e primeira entrevistada, Larissa Martiniano, é uma jovem de 24 anos que veio há pouco tempo de Campinas/SP, para morar na comunidade do centro de Florianópolis, Santa Catarina. Larissa é mãe, dançarina, transgênero e empregada doméstica. Durante quase uma hora de entrevista, ela relatou sua relação positiva com o *funk*, a história do movimento, e principalmente como o ritmo é importante para a identidade e representatividade de pessoas negras no Brasil.



Essa foi a entrevista mais emocionante que realizei. Isso pelo fato que meu encontro com Larissa foi resultado dos acontecimentos aleatórios da vida. Foi mais ou menos assim: em dezembro de 2022 eu havia regressado de Frederico Westphalen para a capital catarinense com duas entrevistas marcadas: uma com a DJ Lirous (Figura 3) na qual a conversa aconteceu, e outra com uma DJ e produtora das maiores festas de *funk* de Florianópolis, que faltando apenas uma hora para nosso encontro, parou de responder minhas mensagens. Fiquei extremamente chateada e pensando que meu filme havia terminado ali mesmo, porque não conhecia outra pessoa que aceitasse ser entrevistada.

Foi então que no dia seguinte pela manhã, minha amiga Clara, na qual eu estava hospedada durante esses dias, me levou para conhecer o centro da cidade, mais precisamente na região da Beira Mar. De maneira despreziosa eu levei a câmera que havia retirado com o Departamento de Ciências da Comunicação (DECOM) da UFSM, para assim gravar algumas imagens de apoio.

Andando pela ruas da cidade vi Larissa dançando a música *Leilão* da artista Gloria Groove<sup>5</sup>, em uma praça ali na Beira Mar. Me aproximei e expliquei o projeto que estava realizando e que queria entrevistá-la, e ela logo aceitou e eu fiz a entrevista ali mesmo, sentada em uma mesa de xadrez. No local estava ventando muito, então gravei toda nossa conversa por um celular emprestado de um amigo. Além disso, saí de casa despreparada e com pouca bateria na câmera, e no final já estava gravando com meu próprio celular.



*Figura 2- Mariana Datria*  
*Fonte: da autora*

A segunda personagem dessa história é a psicóloga Mariana Datria. Atualmente, atua como professora e Coordenadora no curso de Psicologia da Faculdade IELUSC, inclusive

---

<sup>5</sup> Cantora *drag queen* dos gêneros pop, *funk* e rap. O clipe de *Leilão* teve mais de 61 milhões de visualizações na plataforma do Youtube.

participa de pesquisas na área do feminismo interseccional e psicologia. Além disso, Mariana é mãe e grande entusiasta do *funk* feito por e para mulheres. O seu papel dentro da narrativa do filme é trazer apontamentos a partir de uma ótica feminista.

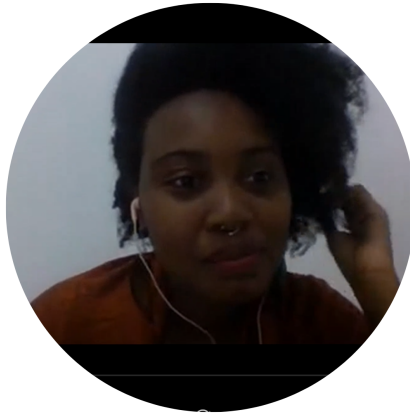
Fui conectada a Mariana por meio de uma amiga próxima de Joinville, que é aluna de Psicologia na Faculdade IELUSC, em Joinville/SC. Durante a entrevista realizada em janeiro de 2022, que aconteceu na sala da Coordenação de Psicologia, ela explicou alguns conceitos teóricos relacionados ao feminismo, sexualidade e a imagem da mulher na sociedade.



*Figura 3- Lirous K'yo*  
*Fonte: da autora*

A terceira entrevistada é a DJ, ativista e Coordenadora Geral da Associação em Defesa dos Direitos Humanos (Adef), Lirous K'yo Fonseca Ávila. A DJ, que eu conheci pelas redes sociais, me recebeu na casa de festas no centro de Florianópolis em que se apresentou no final daquela noite, em dezembro do ano passado.

Durante a entrevista, ela contou como é o cenário do *funk* para travestis e mulheres transsexuais nos estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul. Além disso, Lirous relata seu papel de “Art-vista” como a própria diz, em inserir em suas apresentações essas pessoas marginalizadas no setor musical.



*Figura 4-Andreza Cerqueira*  
*Fonte: da autora*

A quarta entrevistada é Andreza Cerqueira, relações públicas, pesquisadora e mestre em Estudos de Gênero. Por meio de indicações de outras professoras da Universidade do Recôncavo da Bahia, entrei em contato por e-mail com Andreza, que logo aceitou participar desse documentário. Foi então que em julho de 2022 realizamos uma ligação.

Nesse sentido, a relevância dessa conversa é entender se o *funk* é ou não empoderador para mulheres negras. Para além disso, como é construído a imagem do corpo da mulher no ritmo. Os estudos de Andreza se baseiam em mulheres no pagode e samba baiano, visando principalmente o feminismo interseccional.



*Figura 5- Larissa Flores e Camila de Carli*  
*Fonte: da autora*

Não é à toa que as entrevistadas 5 e 6, Larissa e Camila, estão juntas. Como são minhas amigas, as estudantes de Engenharia Ambiental me receberam em casa. As duas entrevistas aconteceram simultaneamente, pois as mesmas estavam se arrumando para um

show de *funk* em Frederico Westphalen. Assim, as acompanhei durante todo o processo de escolha das roupas, maquiagem e saída para a festa.

Durante uma hora de entrevista, Larissa e Camila falaram sobre como se sentiam em relação ao *funk*, e se acreditavam ou não se o ritmo era machista e/ou empoderador.



*Figura 6- Lailah Falcão e Iana Rocha*  
*Fonte: da autora*

As últimas entrevistadas desse documentário foram as alagoanas Lailah e Iana. A conversa também ocorreu em dezembro de 2021 em Florianópolis. Assim como no caso anterior (Figura 5) a conversa aconteceu de forma simultânea. Para elas, as poucas que fiz foram em relação às suas experiências enquanto consumidoras de músicas.

Por fim, no próximo capítulo irei aprofundar questões técnicas e de aproximação com todas as entrevistas.

## 8 PERCURSO DA PRODUÇÃO DO FILME

Este capítulo tem como objetivo apresentar os aspectos práticos e recursos necessários para a criação de um projeto audiovisual.

### 8.1 Pré-produção

O roteiro e a produção de imagens e pesquisa para o documentário, foi baseado na “Ação Formativa de Elaboração de Roteiro e Edição- Módulo Elaboração de Roteiro” do Projeto de Educação Ambiental do Campo de Polvo. Com isso, foi escolhido percorrer um caminho livre de documentário artístico, no qual o roteiro é semi-estruturado.

Sequências:

- Sequência da cantora se preparando para o show, roupas, maquiagens, figurino
- Sequência da confraternização entre familiares e ou
- Sequência do bairro, cidade, região das entrevistadas
- Sequência de jovens escutando e dançando *funk*

Arquivos de imagem

- Show das primeiras mulheres funkeiras
- Infância e adolescência das entrevistadas
- Imagens da cidade

Entrevistas

- Uma produtora ou assessora de *funk*
- Entre duas ou mais cantoras
- Duas dançarinas
- Mulheres comuns que vivem o *funk* como empoderamento, diversão, entretenimento
- Professoras de dança

Sons

- Músicas das entrevistadas
- Primeiro *funk* feito por uma mulher
- Sons ambientes de carro, movimento
- Som de festas
- Narração sobre a história do *funk*

- Narração contextualizando a entrevistada

As primeiras entrevistas marcadas, que foram com a Larissa e Lirous, na cidade de Florianópolis

## 8.2 Produção

A produção de “Lute como uma funkeira” foi emocionante e desafiadora, isso porque durante todo esse processo eu estava sozinha. Desde marcar e planejar as entrevistas, viajar até as cidades, até conduzir e gravar todos os momentos que tornaram esse filme realidade.

Para filmar utilizei a câmera DSLR<sup>6</sup> D5300 da Nikon, de propriedade do Departamento de Ciências da Comunicação, da Universidade Federal de Santa Maria campus Frederico Westphalen. A lente utilizada foi a Nikon DX VR 18-55mm, f/3.5-5.6. Em algumas cenas também foi utilizado um iPhone 6s para captar imagens e som. Além disso, para as últimas gravações do documentário, o professor orientador desse projeto experimental, Joel Felipe Guindani, cedeu a câmera Canon RP Mirrorless.

A captação do áudio foi feita com os microfones Boom Boya By-VM190 e o microfone de lapela Sony UTX BO03. O microfone Boom Boya era conectado diretamente na câmera D5300 para captar os sons ambiente. Já o microfone de lapela teve grande importância para a captação síncrona do áudio com as imagens, pois um microfone externo, como algumas vezes foi gravado com o celular, necessitou de maiores cuidados para sincronizar no processo da pós-produção.

Na entrevista com a dançarina Larissa e com outras personagens que responderam a pergunta “O que você sente quando escuta *funk*” no começo do filme, o áudio foi captado com a câmera D5300 da Nikon e com o iPhone 6s. O áudio dessas entrevistas foram captadas pelo celular. Contudo, as conversas com as protagonistas Mariana, Lirous, Iana e Lailah foram captadas com o microfone de lapela e com a câmera D5300. Com as entrevistadas Camila e Larissa a câmera Canon RP Mirrorless foi utilizada.

---

<sup>6</sup> A sigla em inglês DSLR significa digital single-lens reflex, ou seja, "digital de reflexo por uma lente". O diferencial da câmera DSLR é captar uma cena de ação de uma forma mais rápida, isso permite que a luz entre em uma única lente onde atinge um espelho.

### 8.3 Pós-produção

Para o processo de edição utilizamos o Premiere Pro C5s e o CC 2022, sendo que esse primeiro pertencia ao computador da UFSM, e o segundo está no computador de minha propriedade. O *software* foi utilizado pois já tínhamos um conhecimento, mesmo que básico, pois é ele que aprendemos a executar durante as disciplinas de Relações Públicas.

Assim, a pós-produção aconteceu todos os dias dos meses que aconteceram o processo de transferências de arquivos, decupagem, montagem e edição. Alguns desafios foram observados durante essa caminhada da edição, como por exemplo a falta de internet no Prédio TV, onde a sala de edição está localizada, o que gerou uma certa demora em transferir todas as imagens do cartão de memória para o computador. Nesse sentido, outro desafio foi lidar com uma edição antiga do Premiere Pro, pois conhecíamos somente as atualizações recentes. É necessário ressaltar que durante a pós-produção obtive ajuda da técnica de audiovisual da UFSM campus Frederico Westphalen, Marina Vlacic, além de um amigo próximo que trabalha com edições de vídeo, Giovani Meireles, e por fim do orientador deste projeto, Joel Felipe Guindani.

Durante o documentário foram utilizadas cinco trilhas sonoras, sendo uma somente com batidas de *funk* e outra com ritmos da música gaúcha, ambas estão disponíveis sem direitos autorais no *Youtube*. A cantora Jehnny Glow foi citada inúmeras vezes pela entrevistada Lirous, então como homenagem nós utilizamos a música *Baba*, de autoria da própria cantora, para ser a trilha principal desse filme. Com isso, para fins de contextualização, utilizamos a música *Ai como eu to bandida* da artista paranaense MC Mayara. Nesse sentido, também utilizamos para fins de contextualizar as imagens de apoio, a música *Rap da Felicidade* dos MC 's Cidinho e Doca.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das pesquisas e da produção desse documentário pode-se concluir que o *funk* é um ritmo musical muito consumido por mulheres de todas as idades, orientações, raças e classes sociais. Por mais que pela grande maioria das pessoas ele seja considerado um ritmo machista, o *funk*, assim como diversos outros gêneros, pode se apresentar como empoderador para muitas mulheres. Assim, por meio desse trabalho buscamos discutir e problematizar essa dualidade de opiniões, considerando o fato que por ser um ritmo originário da periferia e de pessoas pretas, carrega muitos estigmas e preconceitos pela nossa sociedade.

Por isso, foi fundamental a entrevista com mulheres que se diferenciam em aspectos de idade, raça, orientação sexual, etc., já que esses atravessamentos se tornaram essenciais para validar a experiência pessoal de cada uma. Já que o *funk* pode ser entendido como machista, perguntas como “Qual sentimento o *funk* te traz”, “Você considera o *funk* machista”, “Você se sente empoderada” e “Qual a melhor roupa para dançar funk” foram questionadas para entender a percepção das enunciatóricas.

Assim, em muitos momentos percebi o motivo pelo qual esse projeto experimental é um documentário poético. Durante as conversas e entrevistas que realizei, foi impossível separar a razão da emoção, chegando ao ponto de chorar junto com a personagem.

Esse documentário foi resultado da produção e pós-produção de uma pessoa só, e isso foi extremamente desafiador. Em uma semana, percorri 695 quilômetros, de Frederico Westphalen/RS a Florianópolis/SC, para entrevistar quatro personagens, tudo isso com equipamentos de grande porte financeiro para a Universidade. Nesse sentido, além da viagem para Florianópolis, as idas para Joinville/SC e Curitiba/PR foram graças ao ID Jovem, uma possibilidade de baixo custo para estudantes viajarem. Fiquei incontáveis horas em rodoviárias e bancos de praças.

No processo de edição, utilizei de imagens que estão de livre acesso na *internet* e colocando, como é correto, os devidos créditos. Isso foi importante para complementar toda a experiência de quem está assistindo, além de complementar imagens que não consegui captar. Os diferentes formatos audiovisuais como trechos de videoclipes, reportagens, entrevistas e shows ao vivo, tudo isso gerou dinamismo ao documentário.

Nesse contexto, seria impossível finalizar essa pesquisa sem mencionar algumas falas importantes do projeto experimental. Para começar, aquela que fez parte do título “Uma revolução feminista se faz pelo *funk*”, enunciada pela psicóloga Mariana, na qual entrevistei na cidade de Joinville-SC. Durante nossa conversa, Mariana faz uma excelente analogia à



Música Popular Brasileira (MPB) durante a ditadura brasileira, ou seja, um instrumento de resistência que cantores e cantoras utilizaram durante o período de repressão. Ela relata que o *funk*, um ritmo extremamente marginalizado em nosso país, pode ser comparado à MPB devido às letras que remetem a lutas, representatividade e resistência.

Além disso, apesar de ter aparecido durante 5 segundos, a cena que representou toda a estrutura do documentário foi logo no início quando eu questiono uma mulher, que infelizmente não sei dizer o nome pois foi uma rápida abordagem na Avenida Beira Mar em Florianópolis-SC, sobre o que ela pensa quando escuta a palavra "*funk*". Antes mesmo dela ter a possibilidade de responder, seu marido, no qual estava ao lado dela, se adiantou sussurrando "perversão" e logo em seguida ela repetiu a mesma palavra olhando para a câmera. Isso me gerou um desconforto profundo, principalmente após ficar horas repassando essa imagem por conta do processo de pós-edição. Aqui, percebemos que o mundo chegou a um ponto em que nem mesmo a mulher pode expressar sua opinião (negativa ou não) sobre uma pergunta que foi diretamente a pergunta.

Por fim, com a produção desse documentário obtive muitos aprendizados. Aprendi sobre a arte de conduzir uma entrevista, escutar verdadeiramente as pessoas, e que cada um tem muitas histórias para contar. Percebi que para entender se o *funk* é ou não machista para as mulheres, é necessário saber de qual mulher estamos falando, pois para além do gênero, nunca podemos deixar de lado os atravessamentos de raça e classe social. Assim, para as entrevistadas deste documentário, o ritmo musical que mais cresce no Brasil é sim machista, da mesma forma que todos os outros gêneros musicais produzidos pela nossa sociedade. Ao mesmo tempo, ele também é empoderador para (a maioria) das mulheres que conversei, já que o importante é escolher uma enunciadora que fale sobre o corpo das mulheres de forma respeitosa, mas que ao mesmo tempo enaltece o empoderamento sexual e a liberdade de todas nós.

## REFERÊNCIAS

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A era da iconofagia: ensaios de comunicação e cultura**. São Paulo: Hacker, 2005.

BASTOS, Tatiana. **Minas dos becos do monte: documentário sobre a representação das identidades femininas no espaço do Rap santa-mariense**. Santa Maria, Monografia (Bacharel em Relações Públicas), Universidade Federal de Santa Maria, 2019.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, Obras Escolhidas, v. 1, 1987.

COLLINS, Patricia, Hill. **Pensamento feminista negro**. São Paulo: Boitempo, 2009

COUTINHO, Laura. **Audiovisuais: arte, técnica e linguagem**. Cuiabá, Rede E-Tec Brasil e MEC, 2003.

DAVSON, Felipe. **Cinema como fonte histórica e como representação social alguns apontamentos**. Recife, História Unicap, v.4, n.8, 2017.

GUBERNIKOFF, Giselle. **A imagem: representação da mulher no cinema**. Caxias do Sul: Conexão-Comunicação e Cultura, UCS, v.8, n.15, 2009

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do Feminino**. 2 ed. Rio de Janeiro, Imago, 2008

MACHADO, Viviane. **Aprendendo sobre feminilidades e masculinidades no funk brasileiro**. Pelotas, Mestrado (Mestre em Educação), Instituto Federal Sul-Riograndense, 2015

MCMAHAN, Alison. **Alice Guy Blaché: Lost Visionary of the Cinema**. Bloomsbury, New York, 2003.

MIRANDA, Luciana. **A cultura da imagem e uma nova produção subjetiva**. Scielo, Rio de Janeiro, v.19, n.1, p.25-39, 2007

MORETTO, Julien. **Tudo acaba em funk**. Monografia (Bacharel em Relações Públicas) Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria. 2015

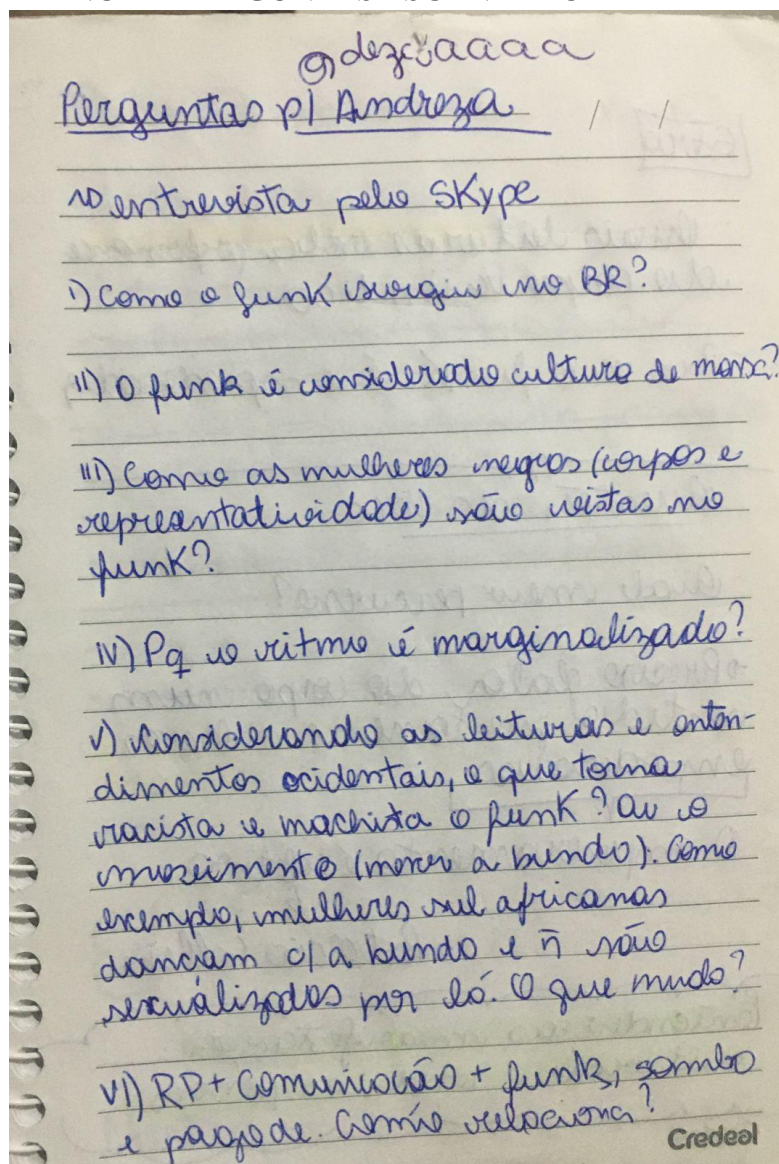
NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. Trad. Mônica Saddy Martins. Papirus, Campinas, 2005.

RUARO, Giovana. **Sade**. Curitiba, Monografia (Bacharel em Jornalismo), Universidade Federal do Paraná, 2007.

SILVA JÚNIOR, Ailton. **Cinema novo brasileiro e representações sociais: diálogos entre sétima arte e sociologia**. Vitória, Sinais, v. 2, n.1, 2015

TAVARES, Tavares. **Raymond Williams: pensador da cultura.** *Ágora*, Vitória, v.4, n.8, p.1-27, 2008.

ANEXO A- CADERNO DE PERGUNTAS ESCANEADO



**ANEXO B- CRIAÇÃO DO ROTEIRO**

roteiro

registro corpo sociedade  
 (arquivo sociedade)

medicina  
 corpo sociedade  
 produção

visibilidade  
 plurais  
 o que  
 faz

masse o funk  
 (deixa) (ano)

andara camilla e sarina

corpo do funk  
 que  
 faz

---

~~\* preferido~~

Cena 1

- Janso fala sobre funk comercial ~~recozado~~
- hivous fala sobre não tocar música anim

tipa - filmagens  
 (uma festa o) músico putaria)

Cena 2

- o que é funk putaria e funk comercial ~~recozado~~

Cena 3

- "A gente é de uma geração que dançava vai dançando."

# ANEXO C- CRIAÇÃO DA MONTAGEM DO FILME

POPline ÚLTIMAS NOTÍCIAS OMG BIZ GEEK ROCKLINE KPOP CHARTS LA

## Anitta diz que bossa nova sofria preconceito como o funk

Quando Anitta ficou conhecida, ela se fez o tipo da música urbana do Brasil. E sofreu muito preconceito por conta de suas letras e sua sonoridade. Ela responde.

Leonardo Torres

Anitta comparou a bossa nova e o funk em entrevista concedida para a rádio Los 40 do Chile, nesta semana. No bate-papo com o jornalista, ela explicou que os dois estilos musicais foram alvo de preconceito em seus primeiros anos.

- Cena dos velinhos em Floripa escutando bossa nova (Muito antes desse movimento tão marginalizado surgir, a bossa nova, música XXXXX que nasceu da classe média carioca nos anos 50. Será que o funk pode ser relacionado com a bossa nova?)
- Cena XY → *Andriza falando mal do funk*
- Cena sobre algo que eu não sei ainda kkk (Se faz parte da cultura popular brasileira, é claro que esse ritmo tem diferentes variações. São mais de 10 subgêneros que nasceram do funk carioca)
- Arte do mapa do Brasil que conforme vai falando as letras acompanham (Funk ostentação que nasceu em São Paulo, Brega Funk de Pernambuco, TrapFunk uma mistura brasileira com americana, o chamado "Funk Minimalista" de BH, e o Mega Funk de Santa Catarina e Paraná) → *+ parte que a Andriza falou do povo do*
- Vídeos que eu ou a Larissa estamos dançando mega funk em alguma festa (E é daí que a minha história com o funk começou. O megafunk, movimento que mistura batidas e mixagens eletrônicas com letras do ritmo carioca, é muito popular na região norte de Santa Catarina, da onde eu vim)

*Man, essa história não é sobre isso. É sobre a história do funk, mistura de funk com a cultura mulçumã que tem o funk em seu dia a dia, seja por influência cultural, seja produção do arte ou no pl a diversão.*

*Essa história é sobre mulheres. São funketeiras no sul do Br*

*dos anos 50*

*do Brasil*

## ANEXO D- CRONOGRAMA DE PRODUÇÃO

<b>Cronograma</b>	<b>Datas</b>	<b>Atividades</b>
<b>Pré-produção</b>	- 01/10/2021 a 01/12/2021	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Listar nomes de possíveis entrevistadas e traçar um meio de contato (e-mail, redes sociais, etc)</li> <li>- Contatar as entrevistadas e aguardar as respostas</li> <li>- Agendar as entrevistas (presencial ou remota)</li> </ul>
<b>Produção</b>	- A partir de 03/12/2021	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Início das gravações</li> <li>- Filmagem de mulheres e pessoas nos bailes e festas que tocam funk</li> </ul>
<b>Pós-produção</b>	- 10/04/2022 a 25/07/2022	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Separação de imagens externas de outros clipes, algumas fotos das entrevistadas, etc</li> <li>- Início da decupagem</li> <li>- Escolha da trilha sonora do filme</li> <li>- Escolha da fonte do título, nomes e créditos</li> <li>- Início da edição</li> <li>- Finalização da edição</li> <li>- Correção do orientador</li> <li>- Edição da versão final do documentário</li> </ul>